

# UMA LEITURA DISCURSIVA DE ESCRITOS SOBRE MATTOSO CÂMARA JR.

UNA LECTURA DISCURSIVA DE ESCRITOS SOBRE MATTOSO CÂMARA JR.

A DISCURSIVE READING OF WRITINGS ABOUT MATTOSO CÂMARA JR.

**Roberto Leiser Baronas\***

Universidade Federal de São Carlos

RESUMO: Neste artigo, nos debruçaremos acerca dos escritos sobre Joaquim Mattoso Câmara Jr., considerado pela maioria dos linguistas brasileiros o iniciador da linguística de língua portuguesa no Brasil. Para dar conta dessa empreitada analítica, organizamos a nossa intervenção a partir de dois eixos epistemológicos: a) realizamos uma rápida leitura de algumas passagens capitais do livro *Princípios de Linguística Geral*, buscando mostrar que não se trata apenas de um livro de divulgação científica dos postulados estruturalistas como é costumeiramente designado pelos linguistas brasileiros e b) descrevemos as imagens de autor que são construídas pelos prefaciadores de Mattoso Câmara nos livros desse autor. Esses dois eixos estão ancorados, sobretudo, nos trabalhos de Dominique Maingueneau (2015, 2010), sobre as imagens de autor.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística brasileira. Mattoso Câmara Jr. Imagens de autor.

RESUMEN: En este artículo, veremos los escritos sobre Joaquim Mattoso Câmara Jr., considerado por la mayoría de los lingüistas brasileños el iniciador de la lingüística de lengua portuguesa en Brasil. Para dar cuenta de este trabajo analítico, organizamos nuestra intervención a partir de dos ejes epistemológicos: a) hicimos una lectura rápida de algunos pasajes capitales del libro *Princípios de Linguística Geral*, tratando de mostrar que no es solo un libro de divulgación científica de postulados estruturalistas como lo suelen designar los lingüistas brasileños y b) describimos las imágenes del autor que son construídas por los prefacios de Mattoso Câmara en los libros de este autor. Estos dos ejes están anclados, principalmente, en los trabajos de Dominique Maingueneau (2015, 2014), sobre las imágenes de autor.

PALABRAS CLAVE: Lingüística brasileña. Mattoso Câmara Jr. Imágenes de autor.

ABSTRACT: In this article, we will focus on the writings about Joaquim Mattoso Câmara Jr., considered by most Brazilian linguists the initiator of Portuguese language in Brazil. In order to accomplish this analytical task, we have organized our intervention from two epistemological points of view: a) we have made a quick reading of some capital passages of the book *Principles of General*

---

\* Professor no Departamento de Letras, no Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSCar, no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da UFMT e Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. E-mail [baronas@ufscar.br](mailto:baronas@ufscar.br).

Linguistics, trying to show that it is not only a book of scientific divulgation of the structuralists postulates as it is usually called by Brazilian linguists, and b) we have described the author's images that are built by Mattoso Câmara's prefacers in his books. These two axes are anchored, above all, in the works of Dominique Maingueneau (2015, 2010), about author images.

KEYWORDS: Brazilian linguistics. Mattoso Câmara Jr. Author's images.

## 1 DAS RAZÕES PARA SE (RE)LER O *PRINCÍPIOS DE LINGUÍSTICA GERAL*

Dominique Maingueneau (2010) nos chama a atenção para o fato de que a obra de um autor, independentemente de ser literária ou não, tem uma trajetória que ultrapassa as cercanias do texto e não se restringe simplesmente à correspondência entre especificidades biográficas e elementos de escrita, numa relação de causa e consequência. No entender do pesquisador francês, é preciso ir além e olhar o todo, que extrapola uma simples relação entre cotexto e contexto, visto que permeia as formas de produção e de circulação daquilo que se considera uma obra na sua totalidade. Nesse sentido, quem a edita, quem a prefacia e/ou posfacia, quem a revisa, quem faz a capa, os recursos gráficos utilizados e a recepção da crítica respectiva à instituição literária ou científica na qual ela se inscreve são de suma importância para entendermos determinado autor, principalmente por meio da imagem de autor que se constrói a partir desses elementos. Em suma, não apenas aquilo que é da ordem do cotextual e do contextual, mas também o que é da ordem do paratextual controem um determinado autor.

Joaquim Mattoso Câmara Jr. é apresentado pela grande maioria dos linguistas brasileiros de língua portuguesa de uma maneira geral como um autor estruturalista, ou melhor, como o professor que introduziu, a partir de seu livro *Princípios de Linguística Geral*, os postulados estruturalistas no Brasil. Seu lugar de enunciação, portanto, se restringe a essa cena englobante (MAINGUENEAU, 2006), autor estruturalista. Neste texto, ao analisar prefácios de dois manuais, elaborados por Mattoso Câmara, buscamos compreender o papel dos elementos paratextuais na construção de determinadas imagens acerca desse autor. Cumpre destacar que até o presente momento trata-se de um trabalho inédito no contexto das Ciências da Linguagem praticadas no Brasil.

A pesquisa linguística no Brasil, se comparada com a de outros países como França, Alemanha e Estados Unidos, começou tardiamente. Se, nessas últimas geografias, sobretudo nas duas primeiras, a linguística emerge com força epistemológica no início dos anos vinte do século passado, no caso brasileiro, ela irá emergir somente no início dos anos 40<sup>1</sup>. Essa “decalagem” em relação a outros contextos se deveu basicamente à predominância de então dos estudos de natureza gramatical e filológica, essa última entendida como crítica de textos. Gramática e Filologia eram os grandes inimigos com os quais a nascente Linguística de então teve de pelear. Sobre a mudança de paradigma nos estudos da linguagem, engendrada por Mattoso Câmara, nos diz Uchôa:

Representa um consenso no mundo acadêmico brasileiro ser a obra de Mattoso Câmara sobre a língua portuguesa, na perspectiva sincrônica, um marco, um patamar, na história do estudo e do ensino da nossa língua, pela nítida mudança de paradigma por ele adotada, um referencial teórico novo, então, entre nós, o estruturalismo, que contrastava de todo com o discurso metalinguístico então dominante no Brasil, identificado como discurso filológico, centrado sobretudo na história da língua e na documentação da língua literária clássica. (UCHÔA, 2004, p. 1)

Foi Mattoso Câmara Jr., com a publicação de seu livro *Princípios de Linguística Geral* (1941), quem inaugurou uma reflexão teórica sobre a linguagem no Brasil. Até então, os estudos gramaticais e filológicos desenvolvidos por Said Ali, Antenor Nascentes, Sousa da Silveira e outros, além e aquém de não terem um caráter mais teórico, não eram aplicáveis a línguas distintas do português. Nesse sentido,

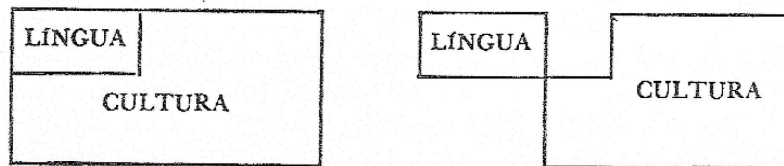
---

1 A pesquisadora brasileira Cristina Altman em seu texto *Retrospectivas e perspectivas da historiografia da linguística no Brasil*, publicado na Revista Argentina de Historiografia Linguística, em 2009, com base em um corpus de descrição gramatical de línguas americanas, produzido entre os séculos XVI e XIX pelos missionários europeus, a partir de um modelo latino de referência, questiona o fato de que a história da linguística teria efetivamente no caso brasileiro começado com Joaquim Mattoso Câmara. No entendimento dessa autora, as descrições gramaticais dos religiosos europeus deveriam ser também objeto de uma investigação sobre a história da linguística no Brasil. Entendemos que as postulações de Altman, apesar de pertinentes para o campo da historiografia linguística, não o são para o artigo em questão, dado que este não tem um cunho historiográfico e sim discursivo.

[...] pode-se dizer que a Linguística Teórica passa a ser reconhecida como disciplina acadêmica, entre nós, a partir dos *Princípios de Linguística Geral* de Mattoso Câmara Jr. e a partir de quando ele assume, em 1948, a docência dela, na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, docência que iria exercer até pouco antes de falecer, em 1970. Na verdade foi o primeiro professor a lecionar Linguística regularmente num Curso de Letras do país [...] (UCHÔA, 2005, p. 70)

Conforme já indicado por Uchôa (2005), o livro *Princípios de Linguística Geral: como introdução aos estudos superiores da Língua Portuguesa*, de Joaquim Mattoso Câmara Jr., publicado pela Padrão Livraria Editora, se constitui numa espécie de certidão de nascimento da linguística brasileira. Esse livro está dividido em dezenove capítulos que percorrem desde o objeto de estudo da Linguística até a classificação das línguas. Sua primeira edição é de 1941 e até o presente momento já foi reeditado e revisto sete vezes. A primeira edição conta com um prefácio de Sousa da Silveira. Para além de uma síntese das teorias linguísticas vigentes à época, *Princípios de Linguística Geral* se configura num programa de investigação científica que busca compreender a linguagem não somente nos seus aspectos sistêmicos, como propõe Saussure no Curso de Linguística Geral (vez ou outra neste texto CLG), mas principalmente na sua relação com a cultura e com o estilo individual dos falantes, como se pode ver na figura a seguir:

Assim, a língua é uma parte da cultura, mas se destaca do todo e com ele se conjuga dicotomicamente:



Acresce, em segundo lugar, que só existe para este fim e não tem finalidade em si mesma. A sua função é expressar a cultura para permitir a comunicação social.

Figura 01: Imagem retirada do livro *Princípios de Linguística Geral*

Fonte: Mattoso Câmara Jr. (1941, p. 21)

Para o pesquisador brasileiro, a linguística propriamente dita, ou o estudo da Língua na acepção saussuriana, não abrange o fenômeno linguístico em sua totalidade. Ficam de lado as intenções de manifestação psíquica e apelo, que os discursos individuais, em regra, carregam em si e correspondem à expressão. Desse modo, para Mattoso, cada ato de linguagem ou discurso se fundamenta num sistema de representação linguística, que é a língua, e também sistematiza os recursos linguísticos representativos para a manifestação psíquica e o apelo numa estruturação estética, que é o estilo. A língua é, primariamente, coletiva; mas pode ter, secundariamente, peculiaridades individuais, constituindo o idioleto. O estilo parte primariamente de um impulso pessoal, mas há todo um conjunto de coincidências estilísticas na comunidade linguística, constituindo-se o estilo coletivo. Esses aspectos podem ser verificados sumariamente na figura a seguir:

é o que se pode expressar graficamente no seguinte esquema:

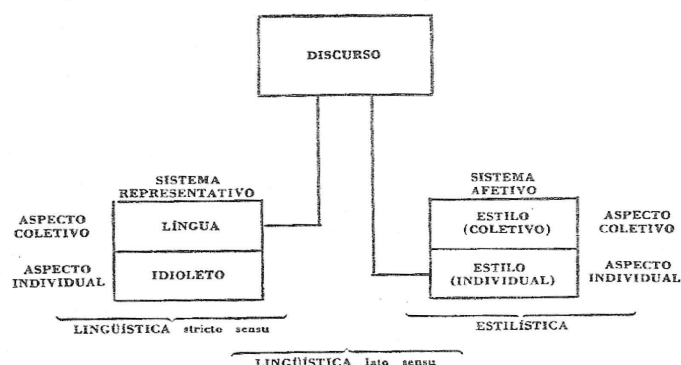


Figura 2: Imagem retirada do livro *Princípios de Linguística Geral*

Fonte: Mattoso Câmara Jr. (1941, p. 29)

No entendimento de Mattoso Câmara Jr., a linguagem humana se distingue da linguagem animal porque é constituída de segmentos articulados entre si e com uma significação permanente. O seu objetivo essencial é a representação, isto é, uma estruturação da experiência, a qual torna compreensível e comunicável; mas há os objetivos correlatos de manifestar estados de alma, sem intento imediato de comunicação, e de empolgar emocionalmente o próximo. Ela é vocal, fundamentada em sons produzidos por um conjunto de órgãos que constituem o aparelho fonador. Não é, entretanto, inerente somente ao organismo humano, mas ao contrário um fato de cultura, concretizando-se em sistemas “arbitrários” de comunicação vocal, ou línguas, que cabe à linguística estudar em seus princípios organizadores. Em relação à cultura integral de uma comunidade humana, a língua é uma de suas manifestações, mas ela se destaca como um microcosmos cultural, que a engloba e a comunica. Assim, a linguística se aproxima e se distingue, ao mesmo tempo, da antropologia cultural ou etnologia, e da psicologia; e as relações, entre elas existentes, condicionam disciplinas intermediárias – a etnolinguística e a psicolinguística. A linguística parte do aspecto, a rigor, coletivo da língua; divide-se em linguística *stricto sensu* e estilística, o que corresponde à língua, como sistema representativo, e ao estilo, como processo de exteriorização psíquica e apelo.

Essa rápida incursão por algumas passagens capitais do livro *Princípios de Linguística Geral*<sup>2</sup> nos mostra que a recepção do programa de pesquisa saussuriana no Brasil (CLG) se dá com Mattoso Câmara numa espécie de cadinho epistemológico em que o linguista brasileiro funde as ideias do próprio F. de Saussure do CLG juntamente com as ideias de Sapir e de Bally. Trata-se de uma tentativa de se trazer novamente à tona questões que foram deixadas de lado por Saussure no CLG, tais como o caráter cultural da língua e o aspecto estilístico dos falantes. Aspectos relativos à subjetividade, sobretudo, que só bem mais tarde, meados dos anos cinquenta do século passado, foram sistematizados por Émile Benveniste, no contexto europeu.

Se, no contexto francês, como nos mostra Puech (2005), o CLG, editado por Bally, Sechéhay e Riedlinger, é recebido inicialmente com uma repulsa, dado que se trataria de uma perversão do verdadeiro Saussure, que estaria presente somente no Escritos de Linguística Geral – ELG, no contexto brasileiro, em *Princípios de Linguística Geral*, o pensamento saussuriano do CLG é recebido como uma teoria que, embora bem fundamentada cientificamente, carece de ajustes, sobretudo, no tocante às relações entre língua e cultura e língua e estilo dos falantes. Essa “recepção” brasileira implica a construção de um programa de pesquisa totalmente singular, bastante diferente dos programas norte-americano e europeu. Os trabalhos posteriores de Mattoso Câmara, especialmente, os que tomam como objeto a língua oral, a estilística e as línguas indígenas, são bons exemplos da continuação do programa de pesquisa iniciado por Mattoso Câmara em seu *Princípios de Linguística Geral*.

A sucinta análise por nós empreendida do livro inaugural da linguística brasileira nos mostra, mesmo que de maneira indicial, que a linguística em solo brasileiro já no seu nascedouro se constitui por um lado como um espaço de produção de conhecimentos e não apenas de reprodução e, por outro, como um posicionamento divergente no campo de estudos da linguagem de então. Com efeito,

<sup>2</sup> Não é nosso objetivo primeiro aqui aprofundar essa discussão de um Mattoso Câmara fundidor (que num mesmo cadinho epistemológico funde as ideias de Saussure do CLG com as de Bally e de Sapir), mas sim apenas apontar que é possível constatar que existe no PLG essa articulação entre Saussure, Bally e Sapir e não apenas uma espécie de resenha do pensamento desses três autores.

como dar conta dessa linguística, que institui novos conhecimentos a partir de determinadas regras, modelos de cientificidade, etc. e, no mesmo processo, se posiciona no campo de estudos da linguagem de então, isto é, como pensar essa instituição discursiva com base em um mirante discursivo?

## 2 A LINGUÍSTICA COMO INSTITUIÇÃO DISCURSIVA

Dominique Maingueneau em seu livro *La philosophie comme institution discursive*, publicado em 2015 pela Editora Lambert-Lucas de Paris, apesar de não tomar as ciências da linguagem como *corpora* discursivo de estudos e sim textos da filosofia europeia moderna, nos fornece algumas boas pistas para que se possa compreender também a linguística enquanto uma instituição discursiva. Para esse autor,

[N]a instituição discursiva se misturam, inextricavelmente, a instituição como ação de estabelecer, processo legítimo de construção, e instituição, no senso comum, de dispositivos que organizam as práticas. O que importa aqui, é que a reversibilidade entre a atividade enunciativa e as estruturas que são tanto a condição e o produto. Se trata, assim, de colocar em evidência uma atividade enunciativa que deve gerenciar sua presença no mundo que ela constrói e no mundo onde ela se constrói, que se desdobra como dispositivo de legitimação da situação de enunciação de onde ela pretende se manifestar. Portanto, não procuramos, como na abordagem estruturalista, uma teoria da "articulação" entre o texto e uma realidade extra-verbal muda: isso seria pressupor a divisão mesmo que procuramos superar. (MAINGUENEAU, 2015, p. 17)<sup>3</sup>

Para Maingueneau, ao refletirmos sobre a instituição discursiva com base numa perspectiva em que não há uma separação radical entre texto e contexto, pois o primeiro é quem faz a gestão do segundo, é possível trabalhar sobre o valor duplo da "instituição": processo de instauração reconhecida e conjunto de aparelhos e de regras estabelecidas. Nesse sentido, por meio do movimento da instituição discursiva, se articulam as *instituições* que dão sentido à enunciação singular (a estrutura do campo, o estatuto da linguística, os gêneros do texto...) e o movimento pelo qual se *institui* o discurso, instaurando progressivamente certo mundo no enunciado e legitimando a cena de enunciação e o posicionamento no campo que torna tal enunciado possível. No entendimento desse pesquisador,

Cada gesto criador mobiliza, queiramos ou não, o espaço que o torna possível, e tal espaço apenas existe por meio dos gestos criadores que os tornam possíveis. A obra, por meio do mundo que ela configura através da estabelecimento do texto, reflete legitimando as condições de sua própria atividade enunciativa. O papel crucial que deve praticar a "cena da enunciação", que não é restringível nem ao texto, nem à situação de comunicação que poderíamos descrever do exterior. A obra é enunciada através de uma situação que não é um quadro pré-estabelecido e fixo: ela pressupõe uma cena de fala determinada que deve o validar por meio do próprio enunciado. A instituição discursiva é, assim, o movimento pelo qual se passa de um a outro, para se apoiar, a obra e suas condições de enunciação. (MAINGUENEAU, 2015, p. 18)<sup>4</sup>

Para pensar a filosofia como uma instituição discursiva, Maingueneau se concentra em fenômenos que são habitualmente relegados a um segundo plano, por conta de estarem situados numa zona de contato entre o texto e o contexto, articulados em torno do

<sup>3</sup> No original em francês: "Dans l'institution discursive se mêlent inextricablement l'institution comme action d'établir, processus de construction légitime, et l'institution au sens usuel d'appareils qui organisent des pratiques. Ce qui importe ici, c'est la réversibilité entre l'activité énonciative et les structures qui sont à la fois la condition et le produit. Il s'agit ainsi de mettre en évidence une activité énonciative qui doit gérer sa présence à la fois dans le monde qu'elle construit et dans le monde où elle se construit, qui se déploie comme dispositif de légitimation de la situation d'énonciation dont elle prétend surgir. Dès lors, on ne cherche pas, comme dans la démarche structuraliste, une théorie de "l'articulation" entre le texte et une réalité extraverbale muette: cela reviendrait à présumer le partage même qu'on cherche à surmonter".

<sup>4</sup> No original em francês: "Chaque geste créateur mobilise, qu'il le veuille ou non, l'espace qui le rend possible. L'ouvre, à travers le monde qu'elle configure en déployant son texte, réfléchit en les légitimant les conditions de sa propre activité énonciative. De là le rôle crucial que doit jouer la "scène d'énonciation", qui n'est réductible ni au texte ni à une situation de communication qu'on pourrait décrire de l'extérieur. L'ouvre s'énonce à travers une situation qui n'est pas un cadre préétabli et fixe: elle présuppose une scène de parole déterminée qu'il lui faut valider à travers son énoncé même. L'institution discursive est ainsi le mouvement par lequel passent l'un dans l'autre, pour s'étayer, l'ouvre et ses conditions d'énonciation".

conceito de "cena da enunciação" e dos três outros que lhe são correlatos: cena englobante, cena genérica e cenografia. Entendemos, no entanto, que para pensar a linguística enquanto uma instituição discursiva é preciso ir além da discussão sobre a cena de enunciação e dos conceitos que lhe são correlatos, buscando pensar também, por um lado, nas imagens de autor, que são construídas pelos próprios autores em suas obras e por autores outros que comentam em prefácios e apresentações as obras dos autores primeiros e, por outro, nos pré-construídos e nos discursos transversos que atravessam essa cena de enunciação.

Para dar conta do anteriormente enunciado, primeiramente é preciso pensar além da divisão estanque entre "contexto" e "texto". O texto não seria simplesmente um objeto definido por consequência de um contexto. Pelo contrário, o texto também gere, administra o contexto: o caráter discursivo do texto não é um *locus* insular, isolado, mas o resultado de uma produção complexa, que é regulada por normas específicas do discurso, definidas sócio-historicamente. Não há uma distinção entre o "eu profundo" do texto e o "eu social" do contexto. No acontecimento da fala, temos a *atividade enunciativa* e a organização textual. A enunciação se dá enquanto representação, mas, acima de tudo, é parte integrante do mundo que representa, funcionando como geradora e gestora da sua própria emergência no mundo como fato e enunciado. O conceito de "cena de enunciação" postulado por Dominique Maingueneau (2008, p.70) ilustra bem essa definição:

Essa "cena de enunciação" se compõe de três cenas, que propus chamar "cena englobante", "cena genérica" e "cenografia". A cena englobante atribui ao discurso um estatuto pragmático, ela o integra em um tipo: publicitário, administrativo, filosófico... A cena genérica é a do contrato associado a um gênero ou a um subgênero do discurso: o editorial, o sermão, o guia turístico, a consulta médica... Quanto à cenografia, ela não é imposta pelo gênero, mas construída pelo próprio texto: um sermão pode ser enunciado por meio de uma cenografia professoral, profética, amigável etc.

Dessa maneira, é difícil pensar os eixos do texto e do contexto fora das cenas de enunciação que garantem a sustentação e emergência de um dado discurso. No mesmo sentido, há algo que envolve a enunciação e não aparece *explicitamente* no enunciado: é o conceito de *ethos*. Não nos referimos ao "ethos retórico" de Aristóteles, um componente que leva ao convencimento do público pela percepção de traços do *caráter* do enunciador – virtude, prudência e benevolência<sup>5</sup> –, mas ao *ethos* descrito por Dominique Maingueneau<sup>6</sup>, que se define ao mesmo tempo no discurso, internamente, e no que seria um *pré-discurso*, ou as representações prévias do locutor que o destinatário possui, conforme os limites postos pelas cenas de enunciação. Como diz Maingueneau (2008, p.64):

Além da persuasão pelos argumentos, a noção de *ethos* permite refletir sobre o processo mais geral da adesão dos sujeitos a determinado posicionamento. Esse processo é particularmente evidente quando se trata de discursos como a publicidade, a filosofia, a política etc., que – diferentemente dos que decorrem de gêneros "funcionais", como os formulários administrativos ou instrucionais – devem ganhar um público que está no direito de ignorá-los ou de recusá-los.

A partir disso, concebendo o "texto" à luz de um *ethos* da enunciação, podemos compreender o enunciador também por meio das dimensões próprias da autoria. O autor não se reduz a uma *posição*, ou apenas àquele que exerce a função enunciativa do texto em certo momento. No processo de subjetivação das formas do discurso, tem-se comumente a impressão de que a "função autor" se divide entre um "sujeito empírico" e um "nome". Porém, para Maingueneau (2006, p.134), não é suficiente pautar a análise do funcionamento da autoria sobre a dualidade "escritor e enunciador", ou seja, por um princípio "que distingue um 'escritor', um ser de carne e osso dotado de um estado civil, e um 'enunciador', correlato de um texto".

5 De acordo com Maingueneau (2008, p.62), a noção de *ethos* na retórica de Aristóteles "[...] designa ora propriedades associadas ao orador enquanto ele enuncia, ora disposições estáveis atribuídas a indivíduos inseridos em comunidades"

6 Como definição mais concisa do conceito de *ethos* para Maingueneau, temos: "- o *ethos* é uma noção *discursiva*; ele se constitui por meio do discurso, não é uma "imagem" do locutor exterior à fala; - o *ethos* é fundamentalmente um processo *interativo* de influência sobre o outro; - o *ethos* é uma noção fundamentalmente *híbrida* (sociodiscursiva), um comportamento socialmente avaliado, que não pode ser apreendido fora de uma situação de comunicação precisa, ela própria integrada a uma conjuntura sócio-histórica determinada."

Nesse sentido, caberia abordar a conceituação da autoria de maneira mais ampla, centrando-se sobre três instâncias distintas e não duas que separam formalmente um “sujeito biográfico” de um “sujeito enunciador”. Essas instâncias Maingueneau (2006, p.136) define como a *pessoa*, o *escritor* e o *inscritor*:

A denominação “a pessoa” refere-se ao indivíduo dotado de um estado civil, de uma vida privada. “O escritor” designa o ator que define uma trajetória na instituição literária. Quanto ao neologismo “inscritor”, ele subsume ao mesmo tempo as formas de subjetividade enunciativa da cena de fala implicada pelo texto [...] e a cena imposta pelo gênero do discurso: romancista, dramaturgo, contista... O “inscritor” é, com efeito, tanto enunciador de um texto específico como, queira ou não, o ministro da instituição literária, que confere sentido aos contratos implicados pelas cenas genéricas e que delas se faz o garante.

Ou seja, é possível estudar o funcionamento da autoria a partir do que está no texto como aquilo que reflete o autor: pelos atributos sociais e individuais de um sujeito biográfico, a *pessoa*; pela sua inserção em uma determinada cena englobante, um meio literário, o científico, o *escritor*; e também por meio de uma função estética e/ou didática, o texto em sua cenografia, o *inscritor*. Mas o autor não é a fonte de enunciação dos seus textos, e sim um dos meios pelos quais eles tomam significado. Ao mesmo tempo em que escreve seus textos, o autor não tem autonomia da *gestão* de sua *obra*. Portanto, deve-se considerar a instituição em que se inscreve a obra de um autor e suas regras próprias, no contexto sócio-histórico de produção dos textos.

Por meio da articulação das três instâncias da autoria, mobilizadas isoladamente ou em conjunto por quem organiza a obra de um autor, faz-se importante a compreensão dos meios pelos quais se dá a criação de uma *imagem de autor*. A construção dessa imagem escapa à esfera pura e simples da elaboração ou *escritura* do texto e ultrapassa o que seria a dimensão da “figuração” do autor – como ele se porta no campo do discurso e na cena genérica em que se inscreve: se dá entrevistas, se frequenta círculos políticos, se participa de centros de pesquisa, se assina manifestos, se lidera grupos sociais, se publica blogs na internet ou se mantém isolado do público, se funda e/ou preside sociedades científicas, se edita e/ou cria periódicos científicos na área, etc. Além dessa dimensão em que *figura* a imagem do autor, existem procedimentos de *regulação* dos textos que são responsáveis por *reescrever* determinada obra na medida em que se criam imagens distintas de um mesmo autor. De acordo com Maingueneau (2006, p.143):

De modo geral, um manifesto ou um prefácio têm como função principal pôr as obras em conformidade com as normas, seja para mostrar que se seguem as normas existentes ou para propor soberanamente as do autor. Essa função de “regulação” também tem relação com colocar em perspectiva um texto, seu perfil com referência ao que poderíamos chamar de a Opus, isto é, a trajetória de conjunto em que cada obra singular assume um lugar.

A dimensão da regulação constitui-se, portanto, na negociação da imagem do autor, que implica a restrição, a aprovação ou o incentivo a um tipo de circulação, bem como a escolha de prefaciadores e de comentadores diversos para a inserção de sua obra em determinados campos do discurso conforme for conveniente. Em síntese, cria-se uma maneira diferente de ler os textos de um autor por meio de sua imagem. A título de ilustração, Maingueneau nos mostra que é possível ver como gêneros “privados” do discurso, como correspondências do sujeito biográfico, da *pessoa*, passam ao domínio “público” do *autor* pela gestão de sua obra. Surgem assim novos livros, textos inéditos, cartas etc. que são publicados, constituindo uma forma de gerir o contexto da imagem do autor. no processo de construção da imagem do autor, vemos momentos de releituras, de reedições, ou seja, a produção de novas imagens<sup>7</sup> ou recrudescimento de imagens já criadas.

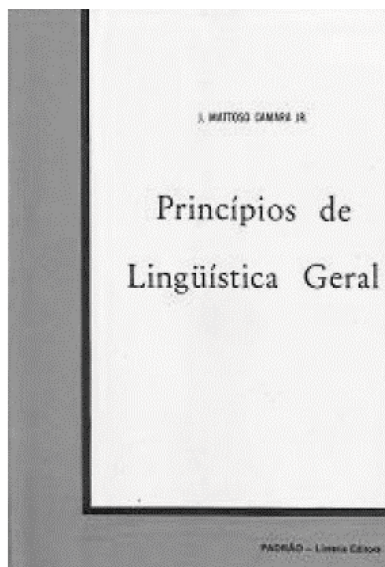
7 A título de exemplo, citamos a descoberta em 2015 de um poema inédito de Machado de Assis por parte do pesquisador do Departamento de Letras da UFSCar, Wilton Marques. O poema inédito “O grito Ipiranga” foi publicado no jornal Correio Mercantil, em 07 de setembro de 1856, mas não havia sido coligido pelos estudiosos de Machado de Assis. A descoberta desse poema com um conteúdo bastante ufanista, de louvação ao Brasil, em um jornal carioca que à época gozava de bastante prestígio, ajuda na construção de uma imagem distinta do autor Machado de Assis, que até então predominava na sua fortuna crítica. Essa nova imagem afeta as três dimensões da autoria (pessoa, escritor e inscritor), proposta por Maingueneau, conforme e atesta a asserção do pesquisador Wilton Marques acerca de sua descoberta: “O texto não chama atenção pela qualidade literária, mas por mostrar um Machado adolescente e em fase de amadurecimento intelectual. Os 76 versos são uma forma de homenagem ao dia da independência, uma forma nacionalista que o escritor logo abandonou. A nova descoberta, ao invés de trazer explicações, levanta ainda mais dúvidas sobre uma época pouco conhecida: a adolescência de Machado de Assis. A grande questão para os machadianos é que não se sabe bem como um jovem intelectual negro, em uma sociedade escravocrata como a brasileira, conseguiu se inserir na intelectualidade brasileira”. A entrevista do pesquisador pode ser conferida na íntegra em PROFESSOR... (2015).

Nesse sentido, estabelecidos os diversos princípios que permeiam a criação da imagem de um autor, pode-se analisar como tal fenômeno funciona discursivamente tomando o autor Mattoso Câmara com base nos textos dos prefaciadores e comentadores desse autor<sup>8</sup>, nos artigos e em tese e dissertação de autoria de outros linguistas, que discutem o legado deixado por esse autor para a linguística brasileira. Essa descrição/interpretação das imagens construídas acerca do autor Mattoso Câmara nos possibilitará, entre outras questões, entender por que razões, mesmo que Câmara Jr. desde o seu livro *Princípios de Linguística Geral* tenha insistido no caráter subjetivo e cultural da linguagem, seja compreendido por muitos linguistas brasileiros como um autor eminentemente estruturalista.

### 3 UMA PRIMEIRA ANÁLISE: OS MANUAIS E OS DICIONÁRIOS DE LINGÜÍSTICA

Para este texto, com base nos postulados de Maingueneau, centraremos a nossa análise inicialmente nas três instâncias da autoria: pessoa, escritor e *inscriptor* e, na sequência, trabalharemos com a imagem de autor. Para tanto, trouxemos os prefácios de dois Manuais de Linguística de Joaquim Mattoso Câmara Jr. publicados em vida. O primeiro a ser publicado foi *Princípios de Linguística Geral* (doravante, vez ou outra, PLG). Trata-se do primeiro trabalho de linguística divulgado em língua portuguesa; sua primeira edição é de 1941 pela Editora Padrão, a edição de 1976 é a que trouxemos para este trabalho. O prefácio dessa obra foi inicialmente escrito por Sousa da Silveira, cujo título é *Prefácio do Dr. Sousa da Silveira à Primeira Edição* e o segundo, intitulado *Notícia sobre os Princípios de Linguística Geral*, é de autoria de Silvio Elia. Trabalharemos aqui com esses dois prefácios.

O terceiro prefácio que mobilizamos foi escrito por Carlos Eduardo Falcão Uchôa, intitulado *Sinopse dos estudos linguísticos no Brasil* e faz parte do livro *Dicionário de Filologia e Gramática referente à língua portuguesa*, publicado pela J.Ozon Editor, em 1970. A primeira edição foi publicada com o título de *Dicionário de fatos gramaticais pelo Centro de Pesquisas da Casa Rui Barbosa*, MEC, Coleção Estudos Filológicos, em 1968. Trabalharemos aqui com a quarta edição. O *Dicionário de Filologia e Gramática* é um dos primeiros dicionários publicados em língua portuguesa e é bastante inovador também para os dias atuais, pois toma como verbetes não apenas conceitos linguísticos ou metalinguísticos, como era de se esperar de um dicionário de uma ciência da linguagem, mas também fatos da língua portuguesa. Há, por exemplo, verbetes como “cochicho, mudanças [linguísticas] e ortoépia”.



**Figura 3:** Imagem da capa do livro *Princípios de Linguística Geral*

**Fonte:** Mattoso Câmara Jr. (1976)

<sup>8</sup> Cumpre destacar que, embora as discussões sobre as diferentes dimensões da autoria – pessoa, escritor e *inscriptor* – tenham sido pensadas por Dominique Maingueneau para dar conta do discurso literário, entendemos que podem ser deslocadas para pensar os escritos sobre Mattoso Câmara Jr.



O prefácio da primeira edição incorporado à sétima edição busca dar destaque não tanto ao PLG em si, mas à carreira de Professor de Mattoso Câmara Jr.

[...] pelo que observei – erudição comedida, clareza, e segurança na exposição, método no desenvolver e encadear a matéria – recebi a agradável impressão de que fora acertada e feliz a escolha que recaía no nome do Dr. Mattoso Câmara. A Universidade do Distrito Federal tinha adquirido um ótimo professor. (SILVEIRA, 1941, p. 07)

O prefaciador Sousa da Silveira (1941, p. 07), um dos maiores filólogos brasileiros, entendendo que “[...] as Lições de Linguística do Dr. Mattoso Câmara não deviam limitar-se ao campo restrito da Universidade e sim estender-se fora dela, em benefício de tantos estudiosos, professores e alunos” sugeriu que essas lições fossem publicadas. Essas lições foram inicialmente publicadas na Revista de Cultura, em 1938. Depois de publicadas em Revista e serem ampliadas com um estudo de fonemas e da evolução linguística, tornaram-se em 1941 um livro:

[...] reunidas em volume, serão lidas e aproveitadas, e o livro que em que elas se contém ficará constituindo não só uma espécie de cátedra pública em que o douto especialista continua a lecionar, suprimindo assim a lacuna universitária, mas também uma advertência às altas autoridades administrativas do ensino, da conveniência de se incluir entre as disciplinas dos cursos da Faculdade Nacional de Filosofia a cadeira de Linguística. (SILVEIRA, 1941, p. 7)

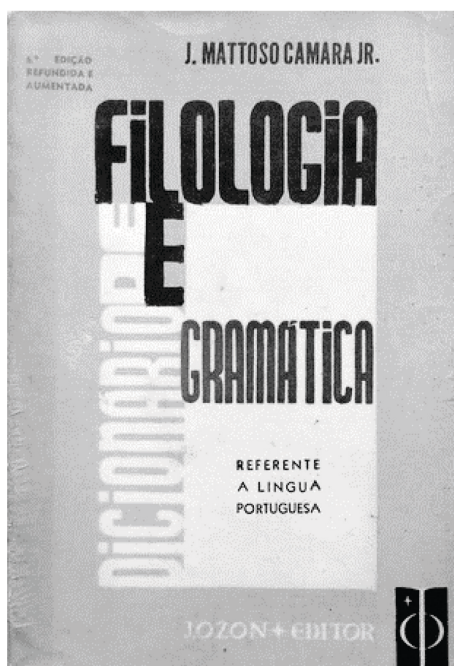
Nesse primeiro prefácio, há um investimento forte por parte do prefaciador na instância do escritor e não na do *inscritor*, como era de se esperar em texto de apresentação de uma obra. As razões para a publicação do PLG estão diretamente relacionadas com o fato de que Mattoso Câmara era um excelente professor e, por conta de seu excelente desempenho docente, seus cursos deveriam ser publicados. Esse sentido é reforçado quando o prefaciador designa o PLG como “[...] uma espécie de cátedra pública em que o douto especialista continua a lecionar, suprimindo assim a lacuna universitária”.

O segundo prefácio por sua vez escrito por Silvio Elia em 1976, trinta e cinco anos depois da primeira publicação do PLG, embora inicialmente reforce a instância de escritor de Mattoso Câmara, no decorrer do texto, vai privilegiar a instância de *inscritor*:

O presente livro apresenta, portanto, a Linguística Geral na sua feição estruturalista, E o faz, assim como desejava seu Autor, com segurança de doutrina, equilíbrio científico, e explanação didática. As recentes críticas ao Estruturalismo linguístico na verdade resvalam por este livro. Em primeiro lugar, porque as setas e farpas dos transformacionalistas se dirigiram mais precisamente contra o Estruturalismo bloomfieldiano de cunho mecanicista. Ora, Mattoso Câmara Jr. nunca foi um mecanicista, porque a isso se opunham as origens europeias de sua formação, basicamente humanista. Prova-o, por exemplo, a sua maior inclinação para a teorização de Sapir do que para a de Bloomfield. Em segundo lugar, o transformacionalismo não é tão anti-estruturalista como poderia parecer [...] (ELIA, 1976, p. 5)

Os dois prefácios com investimentos em distintas instâncias da autoria, no caso do primeiro, um investimento maior na instância de escritor, o professor Mattoso Câmara e, no do segundo, na de *inscritor*, o pesquisador Mattoso Câmara, nos mostram por um lado, que o autor não tem a gestão da sua obra e, por outro, que essa gestão que, como dissemos, é exterior ao próprio autor (re)constrói determinadas imagens desse autor. Portanto, há um “percurso” de gestão de determinadas obras de Mattoso Câmara por meio do qual vemos circular imagens distintas de um mesmo autor.

Como vimos na primeira parte deste artigo, ao analisarmos algumas passagens capitais do PLG, constatamos que Mattoso Câmara insistiu no caráter subjetivo e cultural da linguagem indo na contramão do caráter exclusivamente sistêmico da linguagem, proposto pelo estruturalismo. No entanto, o prefácio de Silvio Elia, embora busque contornar a inscrição estruturalista de Mattoso Câmara no campo dos estudos da linguagem, “[...] ora, Mattoso Câmara Jr. nunca foi um mecanicista, porque a isso se opunham as origens europeias de sua formação, basicamente humanista” (p.?), inscreve taxativamente o PLG nesta escola: “[...] o presente livro apresenta, portanto, a Linguística Geral na sua feição estruturalista, E o faz, assim como desejava seu Autor, com segurança de doutrina, equilíbrio científico, e explanação didática [...]” (ELIA, 1976, p. 06).



**Figura 4:** Imagem retirada da capa do livro *Dicionário de filologia e gramática*

**Fonte:** Mattoso Câmara (1970)

No livro *Dicionário de filologia e gramática*, o prefácio escrito por Uchôa está dividido em duas partes. Na primeira, o prefaciador descreve a história dos estudos linguísticos no Brasil: “Cremos poder dividir a evolução dos estudos linguísticos no Brasil em três grandes fases: a gramatical, a filológica e a linguística propriamente dita” (UCHÔA, 1970, p. 11). Na segunda, inicialmente o autor faz uma biografia de Mattoso Câmara. Na sequência, apresenta uma lista com todas as obras, as traduções, os artigos e as resenhas publicadas por Câmara Jr. até aquela data. São listadas mais de 110 produções bibliográficas.

Uchôa situa Mattoso Câmara Jr. na terceira fase dos estudos linguísticos brasileiros:

É nesta fase que se fundam as faculdades de Filosofia. E é a ela que pertence Joaquim Mattoso Câmara, não como aluno, mas como mestre consumado, a quem devemos o que de melhor se produziu, entre nós, até hoje, no terreno linguístico, que soube ampliar e demarcar, assinalando rumos e abrindo caminhos que foram sempre se prolongando e alargando até a data em que cessou definitivamente suas atividades. Não possuíamos em nossa língua, até o fim do primeiro semestre de 1941, um compêndio de Linguística. Mattoso Câmara veio atender a essa exigência inadiável, com seus *Princípios de Linguística Geral*, apresentados como introdução aos estudos superiores da Língua Portuguesa. (UCHÔA, 1970, p. 12)

O prefaciador, ao situar Mattoso Câmara na terceira fase dos estudos linguísticos brasileiros, por um lado, mostra a importância desse autor para a Linguística brasileira, “[...] como mestre consumado, a quem devemos o que de melhor se produziu, entre nós, até hoje, no terreno linguístico” e, por outro, cria a imagem de um autor que durante toda a sua vida acadêmica “[...] soube ampliar e demarcar, assinalando rumos e abrindo caminhos que foram sempre se prolongando e alargando até a data em que cessou definitivamente suas atividades”, ou seja, um autor inovador<sup>9</sup>. Essa imagem é reforçada com a afirmação de Uchôa de que “[...] não possuíamos em nossa língua, até o fim do primeiro semestre de 1941, um compêndio de Linguística. Mattoso Câmara veio atender a essa exigência inadiável, com seus *Princípios de Linguística Geral*” (UCHÔA, 1970, p. 13).

<sup>9</sup> Cumpre destacar que essa imagem do autor inovador é retomada 34 anos mais tarde em um texto de Yonne Leite, intitulado *Joaquim Mattoso Câmara Jr.: um inovador*, por ocasião da publicação de uma edição comemorativa do centésimo aniversário de Mattoso na Revista DELTA, volume 20, em 2004. No entanto, o sentido de pesquisador inovador é circunscrito “[...] ao introdutor de um novo paradigma linguístico em nosso país – a linguística estruturalista”.

Este prefácio construído por Uchôa mostra que Mattoso Câmara não se resumiu a dar continuação aos estudos linguísticos da época, mas expandiu esses estudos.

Três influências notáveis sofreu Mattoso Câmara em sua formação: a de Jonathas Serrano...; George Millardet... e Roman Jakobson... Apesar das influências recebidas, Mattoso Câmara soube amoldá-las com seu espírito equilibrado, sem prejuízo da originalidade do pensamento. O que lhe deve a Linguística no Brasil falará de si mesma a sua obra, cujos ensinamentos se projetarão para o futuro, pois essa mesma obra ficará como um marco, entre nós do que foi feito até a sua chegada e o que se virá a realizar posteriormente. Serviu ela também de estímulo aos nossos melhores filólogos que, incentivados pelo seu exemplo, voltaram-se, então, para o campo da Linguística [...] (UCHÔA, 1970, p. 14)

A imagem do autor inovador, que serve inclusive de exemplo para pesquisadores de outros campos, é reiterada pelo prefaciador. Ou seja, o prefaciador indica que, com Mattoso Câmara, inaugura-se a possibilidade de se pensar a linguística brasileira como uma instituição discursiva, que para além e aquém de beber em outras linguísticas, especialmente do ponto de vista epistemológico, propõe uma linguística à brasileira, que constrói objetos, teorias e métodos bastante originais.

#### 4 APONTAMENTOS EM FORMA DE CONCLUSÃO

Ao analisarmos brevemente os prefácios dos livros *Princípios de Linguística Geral* e *Dicionário de Filologia e Gramática: referente à língua portuguesa*, podemos constatar que existe uma verdadeira tensão na gestão dessas obras de Mattoso Câmara Jr. Por um lado, enquanto o prefácio da primeira edição do PLG, escrito por Sousa da Silveira em 1941, investe na imagem do professor Mattoso Câmara, no prefácio da sétima edição, escrito em 1976 por Silvio Elia, há um investimento na imagem do pesquisador estruturalista Mattoso Câmara. Por outro, o prefácio escrito por Carlos Falcão Uchôa no Dicionário, em 1970, investe na imagem do pesquisador inovador. Nessa tensão de imagens, o sentido de pesquisador estruturalista foi o que predominou e, talvez, explique porque tantos linguistas brasileiros, independentemente do investimento no caráter subjetivo e cultural da linguagem presentes já no PLG, conforme evidenciado na primeira parte deste artigo, concebem Mattoso Câmara como um estruturalista. Cumpre chamar a atenção para o papel dos elementos paratextuais, tais como os prefácios, entendendo-os, por um lado, como sabiamente nos ensina Spivak (1976): o prefácio é uma escrita que celebra uma diferença estabelecida no cerne de sua identidade por estar inserida no ambíguo espaço de duas possíveis leituras – nesse caso a leitura do prefaciador, uma espécie de tradutor, que rearranja/traduz o texto de outrem e a do leitor, que lê o texto prefaciado/traduzido de outra escrita. Essa forma textual, segundo Spivak, deve seguir alguns protocolos bem específicos justamente pelo fato de essa escrita ter de abordar o sujeito biografado e o texto por ele produzido. Esse ininterrupto movimento, que envolve um processo de intermediação entre o sujeito, a obra e o leitor, torna-se uma prática discursiva que se inscreve na ordem da contradição e da ambivalência. E, por outro, trata-se de entendê-los enquanto procedimentos de *regulação* dos textos, sendo responsáveis por *reescrever* determinada obra na medida em que se criam imagens distintas de um mesmo autor.

#### REFERÊNCIAS

ALTMAN, C. F. S. *et al.* Vinte e cinco anos sem Mattoso Câmara Jr. *Estudos Linguísticos*, Taubaté, v.01, n.01, p.07, 1996.

ALTMAN, C. Retrospectivas e perspectivas da historiografia da linguística no Brasil. *Revista Argentina de Historiografía Lingüística*, v. 01, n. 02, 2009. Disponível em: <http://rahl.ar/index.php/rahl/article/view/12>. Acesso em: 14 nov. 2020

BASILIO, M. A presença de Mattoso Câmara na Linguística brasileira: estudos descritivos em morfologia. *Boletim da ABRALIN*, n. 7, p.06, 1986.

BECHARA, E. J. Mattoso Câmara Jr. *Littera*, Rio de Janeiro, v.57, n.1, p. 08, 1971.

- ELIA, S. Notícia sobre os Princípios de Linguística Geral. In: MATTOSO CÂMARA JR., J. *Princípios de Linguística Geral*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1976.
- CINTRA, G. A fonologia na obra de Joaquim Mattoso Câmara Jr. *Boletim da ABRALIN*, n.12, p.09, 1991.
- FONSECA, O. Mattoso Câmara Jr., pioneiro. *Revista de Letras*, Assis, n.16, p.203-210, 1974.
- LEITE, Y. O pensamento fonológico de Mattoso Câmara Jr. *Boletim da ABRALIN*, n.7, p. 17-24, 1996.
- LEITE, Y. Unidade e diversidade na obra de Mattoso Câmara Jr. *Boletim da ABRALIN*, n.12, p.180-192, 1991.
- LEITE, Y. A redescoberta das línguas indígenas brasileiras, o papel de J. Mattoso Câmara Jr. *Estudos Linguísticos*, Taubaté, n, 1 p. 28-35, 1996.
- LEITE, Y. Joaquim Mattoso Câmara Jr: um inovador. *DELTA*, São Paulo, v. 20, n. spe, p. 9-31, 2004. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44502004000300004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502004000300004). Acesso em: 14 nov. 2020.
- MAINGUENEAU, D. *Cenas da enunciação*. Organizado por Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva, diversos tradutores. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MAINGUENEAU, D. *Doze conceitos em análise do discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- MAINGUENEAU, D. *La philosophie comme institution discursive*. Paris: Lambert-Lucas, 2015a.
- MAINGUENEAU, D. *Discurso e análise do discurso*. Trad. Sírio Possenti. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2015b.
- MATTOSO CÂMARA JR., J. *Princípios de Linguística Geral*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1941.
- MATTOSO CÂMARA JR., J. *Princípios de Linguística Geral*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1954.
- MATTOSO CÂMARA JR., J. *Princípios de Linguística Geral*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1976.
- MATTOSO CÂMARA JR., J. *Dicionário de Filologia e Gramática*. 4. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: RJ. Ozon Editor, 1970.
- NARO, A. J; REIGHARD, J. Bibliografia analítica de Joaquim Mattoso Câmara. In: NARO, A. J. NARO, A. J.; REIGHARD, J. *Analytical bibliography of Joaquim Mattoso Câmara Jr*. Chicago and London: University of Chicago Press, 1972. p. 235-260.
- PROFESSOR da UFSCar encontra poema esquecido do autor Machado de Assis. *GI*, 24 mar. 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2015/03/professor-da-ufscar-encontra-poema-esquecido-do-autor-machado-de-assis.html>. Acesso em: 22 jan. 2020.
- RODRIGUES, A. D. A obra científica de Mattoso Câmara Jr. *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, n.6, p.10, 1980.
- SILVEIRA, S. Prefácio do Dr. Sousa da Silveira à primeira edição. In: MATTOSO CÂMARA JR., J. *Princípios de Linguística Geral*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1976.
- SPIVAK, G. *Translator's preface*. In: DERRIDA J. *Of Grammatology*. Trad. SPIVAK, G. Baltimore/London. The John Hopkins University Press, 1976. p.08.

UCHÔA, C. E. F. Os estudos e a carreira de Joaquim Mattoso Câmara Jr. In: UCHÔA, C. E. F. *Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr.* Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1972.

UCHÔA, C. E. F. Mattoso Câmara Jr. e os estudos linguísticos no Brasil. *Boletim da ABRALIN*, n.7, p.9-15, 1986.

UCHÔA, C. E. F. (org). *Dispersos de J. Mattoso Câmara: nova edição revisada e ampliada.* Parede: Lucerna, 2004.



Recebido em 16/09/2020. Aceito em 11/11/2020.